

EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTO-JUVENIL: CRIANÇAS ÓRFÃS DE DIREITOS

SEXUAL EXPLORATION OF CHILDREN AND YOUNGSTERS

Alexandre Arthur de Souza COSTA¹, Gilberto PASCOLAT².

Rev.Méd.Paraná/1334

Costa AAS, Pascolat G. Exploração Sexual Infanto-juvenil: Crianças Órfãs de Direitos. Rev. Méd. Paraná, Curitiba, 2013;71(1):24-8.

RESUMO - O presente estudo aborda os temas exploração sexual infanto-juvenil e prostituição infantil. O objetivo deste estudo foi o de identificar as causas predisponentes a prostituição; o envolvimento e o consumo de drogas; avaliar os conhecimentos sobre doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e gravidez; além de avaliar as expectativas em relação ao futuro. Para que estes objetivos fossem atingidos, foi primeiramente realizado um levantamento bibliográfico a fim de direcionar a pesquisa sobre o tema proposto, conhecendo-se assim, a realidade no Brasil e no mundo. Em seguida foi realizada uma Pesquisa Social com dezessete meninas residentes na Instituição Casa das Meninas Madre Antônia mantida pela Prefeitura Municipal de Curitiba, onde são disponibilizados alojamento, alimentação, vestuário e educação. A pesquisa foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas que abordavam os temas propostos. Como resultados, encontrou-se que o uso de drogas foi o maior fator predisponente para a prostituição; que as drogas mais consumidas foram o crack e a maconha; que os conhecimentos sobre as doenças sexualmente transmissíveis eram satisfatórios e apesar de todas as mazelas sofridas, as meninas mantinham a expectativa de continuar estudando e conseguir bons empregos, além de constituir uma família estável.

DESCRITORES - Prostituição Infantil, Exploração Sexual Infanto-juvenil.

INTRODUÇÃO

A exploração sexual infanto-juvenil constitui um dos mais terríveis crimes contra a criança. Sendo um ser em desenvolvimento, ainda sem os padrões morais e éticos bem definidos torna-se uma presa fácil nas mãos de indivíduos inescrupulosos. Quando se trata de exploração sexual ou prostituição infantil, obrigatoriamente a criança é vítima da ação de um adulto.

Decorrente do abuso sexual ou violência física, a criança tende a fugir do lar onde foi abusada. Muitas vêm de famílias que não mais as desejam ou até mesmo não reúnem condições de mantê-las. À mercê de sua própria sorte para prover a sua própria subsistência, a prostituição materializa a solução para conseguirem sobreviver.

O ambiente que passa a fazer parte de suas vidas é propício para o envolvimento com drogas, tráfico e roubo¹. Aquela que primariamente era vítima passa a ser delinqüente perante o sistema penal. Além disso, as estatísticas mundiais indicam que

aproximadamente cem milhões de crianças são exploradas sexualmente.

No Brasil são exploradas cerca de quinhentas mil crianças e adolescentes.²

Pesquisas da *National Center for Missing and Exploited Children* (Estados Unidos) indicam que a pobreza não é o fator mais importante e que grande parte dos jovens envolvidos na exploração sexual são originários de famílias de classe média e que o fazem para se sustentar após saírem de suas casas¹.

A denominação desta monografia citando crianças órfãs de direito, está baseada na declaração das Nações Unidas sobre os direitos da criança, adotada em Assembléia Geral em 20 de novembro de 1989.

O conceito de prostituição é difícil de ser estabelecido. Existe uma variedade de definições que classificam a mulher prostituta como de má vida, desregrada e profana³.

Prostituta é a pessoa que se entrega a relações sexuais com outra em troca de uma retribuição em

Trabalho realizado no Serviço de Pediatria do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba

1 - Médico Residente de Pediatria

2 - Preceptor da Residência de Pediatria

dinheiro, constituindo assim uma atividade específica que pode ser encarada³.

A prostituição infanto-juvenil demonstra uma situação singular pois neste caso a criança não é capaz de definir aquilo que lhe convém ou não². O adulto em geral exerce um grande poder sobre a criança e a prostituição não existe sem que haja um adulto responsável. Do ponto de vista econômico este adulto vai se beneficiar economicamente ou através da exploração dos serviços sexuais desta criança, fazendo com que a prostituição seja um problema do adulto e não da criança.

Existe, no nosso país, uma rede de exploração sexual de meninas e adolescentes. A faixa etária mais visível é entre 12 e 16 anos de idade, mas isto não quer dizer que não encontremos meninas de quatro, cinco, seis e sete anos sendo usadas sexualmente das mais diversas formas. Vale a pena notar que este grupo populacional é vulnerabilizado pela discriminação e dominação de gênero na nossa cultura, pela impunidade e pelas condições sócio-econômicas, que tornam a criança e o adolescente mais passíveis de dominação e uso. A exploração, apesar de gerar lucros para a rede de prostituição, não modifica a baixa condição de vida das meninas e adolescentes².

O uso de drogas e álcool², é uma consequência da prostituição, como ficou demonstrado em um relato que dizia: "A melhor coisa desta vida é cheirar cola, porque faz esquecer a fome e a saudade de mãe".

Em países em desenvolvimento e em regiões extremamente pobres é freqüente a situação da família explorar sexualmente suas filhas. Isto não deve ser generalizado pois estaríamos diminuindo a dimensão deste problema. A pobreza em si não leva à prostituição.

É interessante notar que sobre o abuso incestuoso, contrariamente do que se pensa, o número de padrastos é bem menor do que o de pais biológicos no que concerne a se engajar em tal atividade. De certa forma os homens contam com a complacência da sociedade no sentido de que existe uma conspiração do silêncio no que se refere ao abuso sexual pelos pais, tios, avós, etc, e isso é altamente responsável pela prostituição infanto-juvenil pois a menina pode fugir de casa e roubar ou utilizar o corpo para conseguir sobreviver nas ruas, já que esta foi a maneira que ela aprendeu em casa, só que nas ruas ela passa a cobrar².

Existe uma diferença entre o tipo de abuso incestuoso realizado nas classes mais pobres e nas mais privilegiadas. Nas mais pobres, existe a ameaça concreta, onde o pai (ou outro familiar) ameaça que vai matar a criança(ou familiar) se ela contar para alguém. Esta ameaça é geralmente feita com o uso de faca, revolver, etc. Já nas classes privilegiadas o que há é um processo de sedução, o que é muito mais deletério para a saúde emocional da criança².

A criança não pode consentir o abuso incestuoso porque ela não tem a capacidade de discernir, então vai acontecendo um envolvimento emocional crescente

e de prazer também (muitas meninas relatam ter prazer desta relação). Num dado momento, a criança percebe que aquela relação está indo para um caminho que é proibido, mas já está tão envolvida que não se vê mais como vítima da situação, mas sim como co-partícipe daquela relação, gerando o sentimento de culpa.

Esta vitimização da criança dentro da família deve ser considerada com um fator importante no encaminhamento da criança e do adolescente para a prostituição. Deve-se levar em consideração que a mulher é raramente a agressora sexual, sendo o homem, em 97% dos casos segundo estimativas internacionais, o agressor sexual.

Esta monografia tem por finalidade desenvolver conhecimentos sobre o tema prostituição e exploração sexual infanto-juvenil, identificando as causas predisponentes, verificando a relação com o consumo de drogas, averiguando o nível de conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e gravidez, além de avaliar a expectativa quanto ao futuro destas meninas que estiveram envolvidas com a prostituição.

MÉTODO

O contato inicial para realizar a pesquisa social foi feito com o SOS Criança de Curitiba que indicou uma Instituição que abriga meninas em situação de risco social.

Após a autorização da Secretaria Municipal da Criança, encaminhou-se à Casa das Meninas Madre Antônia para a realização de entrevistas, Instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Curitiba desde 1997 e que recebe meninas entre sete e dezessete anos, encaminhadas pelo Conselho Tutelar, SOS Criança, Segunda Vara da Infância e pelo Resgate Social.

As meninas permanecem nesta casa por tempo indeterminado, de acordo com a necessidade de cada caso ou até que se cesse a situação de risco social. O objetivo desta Instituição é de promover o retorno familiar através do trabalho social ou de preparar as adolescentes para viverem em repúblicas subordinadas à Secretaria da Criança.

A Casa das Meninas Madre Antônia dispõe de trinta vagas, oferecendo alojamento, refeições, escola, e através do trabalho de voluntários disponibiliza diversas oficinas onde as meninas aprendem trabalhos manuais, esportes e inglês.

A pesquisa foi realizada com dezessete meninas que se encontravam em situação de risco social com idades variando entre doze e dezessete anos. Após esclarecer sobre o sigilo absoluto da pesquisa e obter autorização da Instituição e das próprias meninas, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, as quais foram gravadas e transcritas para posterior análises.

A abordagem inicial tinha o objetivo de deixar a entrevistada bastante à vontade para falar sobre a sua vida, para que em seguida pudessem ser abordados

os temas: prostituição, abuso sexual, uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, relações com a família e expectativas quanto ao futuro.

As entrevistas foram realizadas nas próprias instalações da Casa das meninas Madre Antônia em horários que não interferissem com as atividades escolares das meninas.

Além das entrevistas, foi feito um levantamento bibliográfico acerca do tema em questão.

Resultados das Entrevistas

Com base nas entrevistas realizadas com dezessete meninas da Casa das Meninas Madre Antônia, pôde-se chegar aos seguintes resultados:

Em relação ao local de residência destas meninas antes de fugirem de casa, temos que: 6 moravam com os pais biológicos (mãe e pai); 4 moravam com a mãe e o padrasto; 1 com o pai e a madrasta; 3 com outros familiares; 1 morava apenas com a mãe e 2 com pais adotivos.

Dentre as meninas entrevistadas, todas apresentaram problemas no relacionamento com membros da família, sendo 6 relataram não se relacionar bem com o seu próprio pai; 3 com a sua mãe biológica; 3 tinham queixas relativas ao convívio com o padrasto; 2 em relação a convivência com a madrasta e 3 afirmaram que o seu relacionamento com os pais adotivos não era bom.

Do total de dezessete meninas, apenas uma não fugiu de casa, devido ao fato de ter sido encaminhada a Instituição por motivo de impossibilidade temporária por parte da mãe de sustentá-la. Obteve-se os seguintes resultados quando foi perguntado às outras dezesseis meninas sobre o motivo que as levou a fugir de casa: 4 saíram de casa para que pudessem utilizar drogas livremente; 5 ofereceram como motivo o abuso sexual; 2 fugiram de casa por serem vítimas de agressões e os 5 restantes alegaram uma convivência incompatível com os seus familiares.

No que se refere à idade com que saíram de casa, os resultados obtidos foram os seguintes: 2 saíram de casa com 8 anos de idade; 1 com 11 anos; 8 com doze anos; 2 com 13 anos; 1 com 14 anos; 2 com 15 anos e 1 com 16 anos.

Dentro da população estudada, cinco meninas sofreram abuso sexual praticado por membros de sua família. Duas delas foram abusadas pelo pai biológico; uma sofreu abuso por parte de pai e do irmão e duas foram vitimizadas pelo padrasto.

Ainda discorrendo sobre o mesmo tema, é importante ressaltar a idade em que estas crianças foram vítimas de abuso pela primeira vez. Duas foram vitimizadas aos sete anos de idade; uma com 6 anos; uma com 11 anos e uma com 8 anos de idade.

Dentre da população que foi vítima de abuso sexual, temos que duas das meninas se engajaram posteriormente em atividade de prostituição e três não se prostituíram.

Dentro do âmbito da rua, o ato de cometer delitos

também deve ser levado em consideração. Das dezessete meninas, 9 se engajaram em roubo; 4 em tráfico e as 4 restantes relataram não ter cometido delito algum.

Com a saída de suas residências, estas meninas foram morar em outros lugares. Dez foram para as ruas; 2 para casa de parentes; 2 para casa de amigos; 2 para Instituições públicas e 1 foi conviver com um companheiro do sexo oposto.

Outro aspecto importante dentro deste contexto é o consumo de drogas. Das dezessete meninas, 12 alegaram ter usado drogas e as 5 restantes negaram tal uso.

Ainda focando o aspecto do uso de drogas, foi observado que uma das doze meninas que fizeram uso destas substâncias começou a drogadição aos 8 anos de idade; 6 aos 12 anos; 4 aos 13 anos e uma aos 14 anos de idade.

Quando foram indagadas sobre qual drogas consumiam, informaram que as mais consumidas eram: crack, maconha, cola de sapateiro, álcool e cocaína.

No que se refere à prostituição infanto-juvenil, 7 das 17 entrevistadas afirmaram ter tido algum envolvimento com esta atividade enquanto que 10 das meninas negaram tal envolvimento.

Dentre as que relataram envolvimento com a prostituição, foi observado que a idade em que iniciaram esta atividade foi a seguinte: 3 informaram ter iniciado aos 12 anos; uma aos 13 anos e 3 aos 14 anos de idade.

Em relação ao período de tempo durante o qual estas meninas se prostituíram, temos que: 3 o fizeram durante três meses; 1 durante 4 meses; 1 por um ano; 1 por dois anos e 1 durante quatro anos.

Em relação aos motivos apresentados pelas meninas que se engajaram na atividade de prostituição, 5 afirmaram que a prostituição era o meio pelo qual obtinham dinheiro para a compra de drogas e 2 relataram que “gostava do que fazia”.

Quando foram indagadas sobre o que achavam da prostituição, 5 das meninas afirmaram ter “nojo” do que faziam. Uma considerava a prostituição como sendo sua profissão e uma relatou que a prostituição é uma forma de se obter sexo.

Em relação a possibilidade de voltarem a se prostituir por algum motivo ou situação; 5 afirmaram que isto não fazia parte de seus planos enquanto que 2 das meninas relataram que voltariam a prostituição caso isso fosse necessário.

No tocante ao aspecto de recebimento de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, todas as entrevistadas relataram conhecimentos satisfatórios a este respeito. A idade em que tiveram acesso a tais informações variou dentro do grupo, sendo que 10 tiveram conhecimento sobre o tema aos 13 anos; 4 aos 14 anos e 3 aos 11 anos de idade.

Dentre as entrevistadas 14 afirmaram nunca terem engravidado. Duas engravidaram e levaram suas gestações a termo e uma teve sua gestação interrompida devido a um aborto provocado.

A forma de encaminhamento para a Casa das Meninas Madre Antônia se deu da seguinte forma: 7 das meninas foram encaminhadas pelo Conselho Tutelar; 5 foram encaminhadas por familiares; 3 por iniciativa das próprias meninas e 2 foram encaminhadas pela Segunda Vara da Infância.

Ao ser perguntado às meninas quais eram as suas opiniões sobre a Casa, 13 informaram que gostavam deste ambiente, enquanto que 4 delas relataram que não gostavam.

Dentro deste aspecto, é interessante perceber se, dentro desta população, existe a ideação por parte das meninas em fugir desta Instituição. Doze relataram não ter interesse em fugir enquanto que 5 afirmaram já ter pensado ou pensar em fugir. É válido ressaltar que, durante a fase de entrevistas para a execução do presente trabalho, duas meninas evadiram-se da Instituição.

Em relação ao que sentem perante seus pais e familiares, 6 das meninas afirmam que tem saudades de ambos os pais. Já 4 relatam que sentem saudades de suas mães; 4 afirmam ter mágoa com os membros de suas famílias; 2 relatam que não sentem saudades da família e uma afirma ter raiva da mãe.

Porém não podemos deixar de mencionar que estas meninas também possuem expectativas no que concerne o seus futuros. Dentro desta população pesquisada, 6 afirmaram esperar poder estudar e conseguir um bom emprego; 4 relataram que suas expectativas eram as de constituir família, ter filhos e conseguir um bom emprego; 2 almejam poder trabalhar; 3 esperam poder retornar para a casa dos pais; uma anseia em ter uma boa família com filhos e uma afirmou querer ser prostituta.

Análise das Entrevistas

A literatura americana descreve a prostituição infanto-juvenil como resultado do abuso sexual, sendo as vítimas em geral oriundas de famílias de classe média que fogem de suas casas e utilizam-se da prostituição para satisfazerem suas necessidades financeiras. No Brasil, nas regiões norte e nordeste, famílias miseráveis vendem suas filhas e com isso geram recursos para o sustento de outros filhos. Desta forma garantem também a sobrevivência destas meninas que irão ser exploradas em troca de moradia, alimentação e vestuário⁴.

Nesta situação específica como foi demonstrado por DIMENSTEIN (1992)⁵, em seu livro "Meninas da Noite", existe uma expectativa de ascensão e progressão social através da prostituição, processo pelo qual encontrariam um marido para constituir família e sustentá-las.

O que se observou nesta pesquisa foi que as crianças fogem de casa por incompatibilidade com os familiares, por causa do abuso sexual, para usarem drogas e por medo de agressão. Uma vez fora de casa, vão para as ruas, casas de amigos, parentes e até mesmo morar com um companheiro.

Este ambiente sem regras e limites é propício para

a introdução do consumo de drogas, surgindo assim a necessidade de gerar recursos para sustentar o vício. Isto pode ser observado no relato de L.S.M. (14anos): "Uma amiga me disse que sabia arrumar uma grana fácil. Fiquei com um cara... Achei um nojo, foi muito mais difícil do que eu podia pensar. Não quero fazer nunca mais. Fiz pelo dinheiro que eu precisava para comprar drogas."

Dentro da pesquisa, dentre as dezessete meninas entrevistas, doze faziam o uso de drogas; sete prostituíram-se e dentro deste subgrupo que se prostituiu, cinco o fizeram somente para sustentar o vício das drogas. Duas outras meninas deste mesmo subgrupo revelaram que se prostituíram por gostar da situação, sendo que nenhuma destas tinha sido vítima de abuso sexual em suas famílias, contrariando o que se observa em países desenvolvidos⁶. Uma das meninas, G.R. de 14 anos de idade, relata: "Não ligo de me prostituir. Acho um trabalho normal. É a minha profissão".

Comparando as fontes de dados nacionais e americanas, observa-se uma situação diferente no que se refere a perspectiva quanto a prostituição^{2,6,7,8}. Dentro do universo pesquisado, cinco das sete meninas que se prostituíram, afirmaram que sentiam "nojo" ao se prostituírem e que jamais voltariam a se prostituir por qualquer motivo que fosse. Uma das meninas, M.K.C., de 17 anos, disse: "Achava aquilo um nojo... Quando descobri que roubar era mais fácil, parei de fazer programa."

Outro tópico que é descrito na literatura nacional é que as vítimas de abuso sexual teriam uma tendência a se prostituir, seja por sentimento de culpa ou apenas por continuar a ser vítima^{2,3,8,9}. Na presente pesquisa, duas meninas que foram vítimas de abuso chegaram a se prostituir, enquanto que outras três que também foram vitimizadas, não se engajaram na prostituição. Segundo VAIZ (in ANAIS DO SEMINÁRIO SOBRE EXPLORAÇÃO SEXUAL DE MENINAS E ADOLESCENTES NO BRASIL, 1995), a prostituição leva ao consumo de drogas e ao álcool, porém o que foi observado dentro do universo pesquisado é justamente o contrário, ou seja, o consumo de drogas levando à prostituição².

Quanto ao que se pode observar, existe um sentimento de revolta muito forte por parte das meninas que sofreram abuso em relação as suas famílias. Em especial por acharem que foram abandonadas e negligenciadas por suas mães, que não acreditaram em seus relatos de abuso, obrigando-as a fugir de casa para não mais serem violentadas. Pudemos encontrar estes aspectos exemplificados nos depoimentos de algumas meninas. A.P.B.S., de 16 anos, relata: "Um dia eu não quis fazer aquilo e ele me enforcou... Desmaiei, achei que estava no paraíso! Quando fui acordando aos poucos, vi que estava no inferno de volta". B.J.S., de 13 anos de idade, disse: "Não gosto daqui porque dizem que eu não amo a minha família. Ninguém acredita que o meu padrasto fazia aquilo comigo. Só eu sei o que eu já passei na vida". S.W.C., de 16 anos, rela-

ta: “Tinha medo de morrer, meu pai dizia que iria me matar se eu abrisse a boca. Queria que meu pai fosse diferente para gente poder ser feliz”.

Dentro do universo pesquisado todas as dezessete meninas possuem hoje em dia conhecimentos satisfatórios sobre as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, até mesmo pelo fato de receberem este tipo de orientação dentro da própria Instituição.

Em geral, durante a entrevista, era comum a queixa de que a “família não prestava”, mas a maioria das meninas acabava admitindo que sentia falta dos pais quando lhes era perguntado diretamente.

A expectativa quanto ao futuro foi surpreendente, pois a vontade de estudar e ter uma boa profissão, além de constituir uma família com filhos, foram os itens mais citados. Apenas uma entre todas as meninas, D.R.A., de 17 anos, citou a expectativa de se tornar uma prostituta quando sair da casa, com o seguinte depoimento: “Quando sair daqui eu acho que vou voltar para a prostituição, acho que fiquei meio tarada”.

CONCLUSÕES

De acordo com o que foi observado na pesquisa, encontrou-se como fator predisponente para a prostituição, a própria situação de risco social, seja pelo abuso, a agressão ou consumo de drogas. Uma vez nas ruas estas crianças estão sujeitas a uma série de situações que se somam e que tem como ponto culminante a drogadição. O vício tem que ser sustentado e então a

prostituição surge como solução para tal fim.

Em relação ao consumo de drogas, verificou-se que 71% das meninas entrevistadas faziam uso de algum tipo de substância ilícita. As drogas mais consumidas foram o crack, a maconha, a cola de sapateiro, o álcool e a cocaína.

O nível de conhecimento demonstrado pelas meninas sobre doenças sexualmente transmissíveis foi satisfatório e todas elas evidenciaram ter adquirido informações sobre este tema, assim como noções sobre contracepção e gravidez.

No que se refere às expectativas em relação ao futuro, estudar e ter um bom emprego foram as mais citadas, seguidas da intenção de ter família, filhos e um bom emprego. Trabalhar e morar com os pais também faz parte destas aspirações. Contudo, infelizmente, foi observado um caso em que umas das meninas almeja se tornar prostituta no futuro.

Onde a injustiça social faz parte do dia a dia e as crianças permanecem “órfãs de direitos”, finalizar esta pesquisa é uma tarefa quase que impossível. Resta apenas esperar que tudo o que foi exposto sirva para aumentar a preocupação com a exploração sexual infantil e que o pediatra participe na difusão de informações sobre a prostituição infantil, ajude a identificar crianças em situação de risco social para que as autoridades estabelecidas possam impedir e punir os exploradores e aliciadores, além de promover a assistência médica, e encaminhar para assistência psicológica e social necessária a estas crianças.

Costa AAS, Pascolat G. Sexual Exploration of Children and Youngsters. Rev. Méd. Paraná, Curitiba, 2013;71(1):24-8.

ABSTRACT - The present study is an approach of the sexual exploitation of children and youngsters and child prostitution. The goal of this study was to identify the causes that lead to prostitution and the important role of drug consumption. It was also meant to assess the knowledge about sexual transmitted diseases, contraception and pregnancy; besides evaluating the expectations concerning the future. In order to achieve these goals, a bibliographic review was held to guide the research about the present subject, gathering information about the reality in Brazil and over the world. Subsequently, a social research took place within a group of seventeen girls living in an Institution called Casa das Meninas Madre Antônia, which is supported by the City Hall of Curitiba and where they have access to housing, food, clothing and education. The research was based on interviews that were related to the subject. The results of the findings were that the use of drugs was the major factor leading to prostitution; that the most consumed drugs were crack and marijuana; that the knowledge about sexually transmitted diseases was satisfactory and, in spite of all the problems these children have been through, they keep the expectation of continuing to study and getting a good job, besides building a stable family.

KEYWORDS - Child Prostitution, Sexual Exploration of Children and Youngsters.

REFERÊNCIAS

1. ESTER, R. J. The sexual exploitation of children: a working guide to the empirical literature. Pennsylvania: University Press, 2001.
 2. SEMINÁRIO SOBRE EXPLORAÇÃO SEXUAL DE MENINAS E ADOLESCENTES NO BRASIL, 1995, Brasília. Anais...Brasília: UNB, 1995.
 3. PEREIRA, A. A prostituição é necessária? São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.
 4. DIMENSTEIN, G. O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1999.
 5. DIMENSTEIN, G. Meninas da noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1992.
 6. GREENE J. M.; ENNETT, S.T.; RINGWALT, C.L. Prevalence and correlates of survival sex among runaway and homeless youth. Am J Public Health; v.89, n.9, p.1406-9, setembro 1999.
 7. SENG, M. J. Child sexual abuse and adolescent prostitution: a comparative analysis. Adolescence; v.24, n.95, p.665-75, outubro 1989.
 8. SAFFIOTI, H.; LORENZI, M.; JUNQUEIRA, I.; DALLARI, D.; GUERRA, A.C.; AZEVEDO, M.A. Prostituição infantil. Disponível em: <http://www.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online> Acesso em 9 jul. 2001.
 9. CANHA, J. A criança mal tratada, o papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. São Paulo: Editora Quinteto, 2000.
-